

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
Sep 2022
Matéria
Sala de vídeo: Bárbara Wagner & Benjamin de Burca

Veículo
Seção
Autor

Valor Econômico
Arte
Bruno Yutaka Saito

ARTE

Museus ampliam olhar sobre a sociedade

Movimento Sem Terra está na principal mostra do Masp do ano e no MAM. Por **Bruno Yutaka Saito**, de São Paulo

Histórias Brasileiras - Masp (av. Paulista, 1.578). Até 30/10

Sinônimos de juventude e contestação nos anos 60 e 70, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia dão voz também a jovens do século XXI, como mostra o recente Coala Festival, em São Paulo. Ao cantar "Cálice", Bethânia disse: "Esta canção de Chico [Buarque] tem que ser cantada. É dia dessa canção. É tempo dessa canção". Em museus de arte, temas como reforma agrária e Teatro do Oprimido ganham espaço. Não saímos dos anos 60?

Alienação e conscientização na cultura são questões que retornam em duas tendências das artes visuais. Enquanto nas populares "exposições imersivas" o visitante ouve músicas relaxantes e se desconecta do mundo lá fora, alguns dos principais museus levam intrincadas problemáticas sociais das ruas para suas paredes.

O caráter educativo e de emancipação da arte pode não ser nenhuma novidade — bem antes de "Os Retirantes" (1944), de Candido Portinari, mazelas sociais eram representadas. Hoje, no entanto, não se trata apenas de mostrá-las, mas deixar os próprios atores sociais falarem por si.

Ao conservador estético pode se aliar o conservador político, que talvez se escandalize ao ver o Movimento Sem Terra (MST) fazendo parte de renomados espaços culturais. Provocação gratuita? É uma pergunta de respostas amplas, casada com outra questão: o que é arte hoje? Os derretimentos conceituais promovidos pelo modernismo há mais de cem anos também já estão bem solidificados e viraram tradição.

No MAM-SP, o MST aparece nos bonequinhos da obra "Independência e Morte" (2022), de Jaime Lauriano, no 37^a Panorama da Arte Brasileira. No Masp, o MST está na principal exposição do museu neste ano, "Histórias Brasileiras" (com 11 curadores e mais de 400 obras), e no vídeo "Fala da Terra" (2022), de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca.

No cenário geral de ânimos exaltados, cancelamentos, notícias distorcidas ou falsas, a participação do MST por meio de



Cena de "Fala da Terra", de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, que retrata a atuação do Coletivo Banzeiros, do MST

fotografias e arquivos havia sido vetada pelo Masp em maio. O museu alegou questões administrativas (prazo não cumprido de requisição de obras), e logo acusações de censura vieram à tona. O caso foi resolvido quando o Masp reviu suas posições e acatou reivindicações.

"A trajetória do 'Retomadas' [núcleo com o MST] não se restringe a um desentendimento entre curadoras e museus: ele é um índice de um debate muito maior em torno das políticas de representação, autorrepresentação e representatividade — principalmente entre instituições culturais e movimentos sociais", diz Clarissa Diniz, curadora do núcleo ao lado de Sandra Benites. "A mais efetiva resposta que, coletivamente, todos podemos dar a essa divergência é o debate."

O MST é pop, como mostram os bonés usados por jovens hipsters em baladas da classe média. No mesmo mês de maio em que houve o imbróglgio do Masp, o MST participava da ópera "Café", no Teatro Municipal de São Paulo. "Ao incluir o MST, curatorialmente, optamos por fazê-lo não somente do ponto de vista narrativo ou social, mas também imagético. Nossa intenção é sublinhar como o movimento tem sido um importante produtor simbólico e estético, fabricando iconografias, léxicos e sentidos sociais que se expressam em seus símbolos, canções, cartazes, bonés."

Se as questões sociais podem nos levar de volta aos anos 60, também no

aspecto artístico existe um retorno ao passado, como sugere "Fala da Terra". O vídeo apresenta o Coletivo Banzeiros, grupo de teatro com integrantes do MST formado em 2016 a partir de acampamentos anuais no local do massacre de Eldorado do Carajás, em 1996. Proposições dos dramaturgos Augusto Boal (1931-2009) e Bertolt Brecht (1898-1956) são evocadas, em um processo de conscientização atrelado à forma.

"Infelizmente o problema da violência ao território — sistematizada desde nossa condição de colônia em mecanismos como o latifúndio, a extração e a escravidão — fazem da reforma agrária um dos assuntos mais urgentes em nosso país", diz a dupla Bárbara Wagner e Benjamin de Burca. "Não existe portanto uma volta ao passado — não saímos dele."

Nas sensibilidades audiovisuais de hoje, tudo pode soar artificial, didático demais, mas esta é a intenção. Estão lá os cantos sobre a exploração do dominador, os personagens que encarnam arquétipos da política, da religião, do matador, do oprimido. De caráter documental, comparecem as imagens de um encontro do MST, áudio do massacre em Carajás e imagens via drone de uma réplica da estátua da Liberdade. Há vanguarda, no entanto, nesse movimento de olhar para trás, muito mais amplo e transformador do que a tecnologia de ponta das exposições imersivas. (Leia entrevistas em valor.globo.com/eu-e)

Até o dia 25 acontece a 16^a Primavera dos Museus, iniciativa do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Sob o tema "Independências e Museus: Outros 200, Outras Histórias" participam 777 museus de todo o país com mais de 2 mil eventos.

Seis renomadas galerias de arte contemporânea se reúnem para a primeira edição do "Arte-Circuito", neste sábado (dia 24), no Jardim Europa, em São Paulo. Arte 57, DAN, Luciana Brito, Lume, Marília Razuk e Nara Roesler oferecem visitas guiadas com artistas e uma van que levará o visitante para percorrer o circuito.

A moda das exposições imersivas segue forte. Em 5/10 estreia no Brasil, no Salvador Shopping, "Frida Kahlo - A Vida de um Ícone"; em 2023, ela chega a São Paulo. E a partir de 21 de outubro é a vez de "Monet à Beira d'Água", no Parque Villa Lobos (SP).

Inaugurado no mês passado, o MUB3 - Museu da Bolsa do Brasil (r. Quinze de Novembro, 275, centro, SP) apresenta a trajetória da bolsa de valores e sua relação com a história do Brasil. Criado pelo Grupo Sintoneze, o projeto foi viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e o patrocínio da B3. "O MUB3 nasceu do desejo de se preservar e compartilhar a história do mercado de capitais brasileiro", diz Christianne Bariquelli, superintendente da B3 Educacional.

E-mail: bruno.saito@valor.com.br